

nº 17
1º trimestre
de 1991



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Eduardo Veloso

Redacção
António Bernardes
Henrique M. Guimarães
José Manuel Matos
José Manuel Varandas
José Paulo Viana
Paulo Abrantes
Rosário Ribeiro
Susana Carreira

Entidade Proprietária
Associação de Professores de
Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
2500 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
Nº de Registo: 112807

Correspondência
Associação de Professores de
Matemática
Av. 24 de Julho, 134 - 4º
1300 Lisboa

A preparação da arte final
foi executada num Mac II,
cedido à APM pela Interlog, SA.

Nota: Os artigos assinados
são da responsabilidade
dos seus autores, não
reflectindo necessariamente
os pontos de vista da
Redacção da Revista.

Uma espécie em vias de extinção?

Raul Fernando Carvalho *

No debate que se seguiu a uma brilhante intervenção que fez em Setúbal, no passado mês de Maio, o Ministro da Educação Roberto Carneiro, retorquindo a queixas de um dirigente de uma Associação de Pais e Encarregados de Educação sobre a falta de professores de Informática, respondeu com a seguinte pergunta provocatória: "Aceitaria o senhor, aceitariam os presentes, professores e pais, que um professor de Informática ou de Matemática ganhasse o triplo do que auferem um professor de História?"

Esta pergunta feita resposta parece reflectir a consciência que o Ministro da Educação tem da extrema carência de professores em algumas áreas, nomeadamente e ao que no momento nos interessa, a Matemática, mas não acredito que Roberto Carneiro ousasse propor uma solução que, embora aconselhada por uma economia de mercado, viria certamente a obter a oposição de muitas forças...

Não vou aqui advogar que o professor de Matemática deva ganhar mais para que a profissão seja mais procurada pelos jovens que demandam cursos de ensino superior; não vou aqui advogar que o professor de Matemática deva ganhar mais para que resista a solicitações do mercado de trabalho privado (e até o poderia fazer). Tão só defenderei que a situação que Paulo Abrantes caracteriza no interior desta Revista não é sustentável, até porque se agrava de ano para ano, com abandonos e numeros clausus por preencher nas licenciaturas em ensino.

Há que, desde já, tomar medidas expeditas, que se revistam de um carácter de urgência e de emergência. A carência de professores habilitados começa a provocar um efeito de "pescadinha de rabo na boca" em que a conseqüente carência de alunos motivados e preparados induz a falta de apetência para carreiras em que a Matemática se configure como cadeira chave, como o são as de formação de docentes, constituindo-se a falta destes como novo motivo de impreparação dos estudantes, e assim por diante...

A reorientação da formação inicial de certos docentes parece-me ser uma das soluções possíveis, eficaz e barata, sendo viável a curto prazo. Uma dessas propostas já obteve parecer favorável da APM e de outras instituições, nomeadamente o Instituto de Inovação Educacional, tendo sido apresentada à Secretaria de Estado da Reforma Educativa pela Escola Superior de Educação de Setúbal.

Mas a implementação de soluções expeditas não dispensa a necessidade de uma avaliação profunda de toda a situação, da procura das razões de ansiedade, de frustração, que consomem uma boa parte do corpo docente das nossas escolas, sejam do ensino básico, sejam do secundário.

Tudo acaba por passar por uma séria revalorização da função docente e aqui, que me perdoem alguns, não estou apenas a significar revalorização em termos de vencimento, mas sim em termos de estatuto social, de valorização relativamente a outras profissões.

Ser professor é um privilégio que faz trabalhar com paixão sem condicionalismos ligados ao dinheiro; mas, pelo menos, não abduquemos do respeito, da dignidade, do estatuto que esta profissão já teve e que, estou certo, a breve trecho reconquistaremos.

* Presidente da C.I. da Escola Superior de Educação de Setúbal